

Num Novo Paradigma para o Desenvolvimento Humano: «Comunicação e Cultura Inclusivas»

Augusto Deodato Guerreiro*

Resumo

A «comunicação e a cultura inclusivas» constituem o móbil de um amplo desenvolvimento biopsicossocial e humano, numa dimensão de igualdade de circunstâncias e de oportunidades para todos, com lugar e qualidade de vida para todos, independentemente de dificuldades como, por exemplo, sensoriocognitivas, sociocognitivas, sociocomunicacionais, intelectuais, psíquicas, patologias neurogénicas da comunicação.

Trata-se de uma «viagem» concisa, «passeando» num paradigma novo para o desenvolvimento humano, o da «educomunicação inclusiva», uma aglutinação conceptual consubstanciada no polinómio «educação+comunicação/TIC+cultura+pedagogia», que é o caminhar livre e seguro, digno e socializante, numa perspetiva ecoevolutiva humana profícua e eticizante da vida.

Palavras-chave: educomunicação inclusiva; inclusão; comunicação inclusiva; cultura inclusiva; pedagogia inclusiva; segurança inclusiva; desenvolvimento biopsicossocial; desenvolvimento humano; qualidade de vida

* Investigador e Professor Catedrático Agregado na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação da ULHT

Abstract

«Inclusive communication and culture» are the mobile of a large biopsychosocial and human development, in a dimension of equal circumstances and opportunities for all, with place and quality of life for everyone, regardless of, for instance, sensory-cognitive, socio-cognitive, socio-communicational, intellectual, psychic difficulties and neurogenic pathologies of communication.

It is a concise «journey», «walking» in a new paradigm for human development, the «inclusive edu-communication», i.e. a conceptual assemblage embodied in the polynomial «education+communication/ICT+culture+pedagogy», that represents a free and safe, dignified and socializing tread, in a fruitful and ethicizing human eco-evolutionary perspective of life.

Keywords: inclusive educommunication, inclusion, inclusive communication, inclusive culture, inclusive pedagogy, inclusive security, biopsychosocial development, human development, quality of life

Envolvidos empenhadamente na comunicação e cultura inclusivas, no relacionamento e interação, na socialização e desenvolvimento de competências pessoais e sociais, bem como biopsicossocial e humano, faremos uma celeríssima reflexão numa curta viagem de perímetro e substância imensuráveis, vestindo e sentindo, abraçando e vivendo este reconfortante e revitalizante contexto eticizante da vida e do progresso no mundo global e cosmopolita, infelizmente também caos político. Enunciaremos intenções e práticas, manifestações e reflexões concisas e problematizantes em perspectivas teórico/empíricas inclusivas. Equacionaremos o desenvolvimento da nossa abordagem em relação à relevância atribuída ao escoreito desempenho inclusivo de todos os cidadãos, em novos caminhos de um mundo novo de um tempo pedagógico novo, respirando contextualizações e efeitos da pós-modernidade e das atuais estratégias políticas de inclusão, como uma afinada e ecoante «orquestra» repensada, reformulada e transformada numa bela e fecunda sinfonia humana, sob uma «batuta» educacional ilimitadamente abrangente e com espírito missionário, num novo paradigma pedagógico, sem oportunismos nem fronteiras. Poderíamos alicerçar e alargar mais a nossa reflexão, numa profundidade ecossistémica no seio de sistemas/contextualidades – micro, macro/exosistémica (Bronfenbrenner, 1987), no âmbito da teoria geral dos sistemas (Bertalanffy, 1972) –, no pensamento contemporâneo, holista e globalizante, mas ficar-nos-emos por especificidades do tempo pedagógico novo que nos consciencializam e fortalecem nas metodologias e estratégias para o desenvolvimento humano em segurança comunicacional/informacional e inclusão.

É nesta aceção, subordinados aos conteúdos investigados, principalmente em Guerreiro (2012a), que fazemos esta significativa viagem, passeando e observando, ideando e descobrindo novos caminhos inclusivos da comunicação e da cultura, provocando e justificando um «mundo da vida» acessível, de todos e para todos, «fundamentando e experienciando esses novos caminhos espalhados» pelo imensurável horizonte sociocomunicacional e cultural, filosófico, científico e tecnológico, pedagógico e interacional, relacional e do desenvolvimento de competências pessoais e sociais, de esclarecimento e sensibilização pública no que respeita às prementes questões a implementar nos procedimentos solidários e da partilha, que todos estamos obrigados a

cultivar na dignidade que somos e semeamos, fertilizando e eticizando a vida para todos, com todos.

Não podemos ignorar ou menosprezar o facto de andarmos por cá muito pouco tempo e que, nessa medida, tal circunstância a pouco ou a nada parecer vincular-nos a compromissos com questões que podem ajudar a melhorar o mundo. Há quem se sirva dessa circunstância para justificar a sua opção de estar na vida, espoliando os outros ou vegetando no «deixa andar». Mas no que nos temos de fixar é no facto de a vida só ter sentido se a vivermos e a rentabilizarmos em favor do digno desenvolvimento humano e do progresso no mundo, que se anseia cada vez melhor. «A vida ganha renovado e inovador sentido desde que sejamos capazes de viajar, com espírito de descoberta e êxito, no fascínio dos efeitos dos desafios do mundo multidiferente e multissensorial, pluricultural e intercultural» (Guerreiro, 2012a: 105). Para além das partidas à nascença ou demasiado precoces na esperança de vida, o tempo de vida que Deus nos proporciona é sempre o tempo suficiente para nos podermos comprometer, com alegria e empenho, desempenho e concretização de objetivos em resultados práticos e eficazes, na promoção da tão necessária e vital edificação sólida de mais generosidade e solidariedade, dignidade e partilha, o que só acontece comunicando com todos, na mais vasta diversidade comunicacional e cultural:

1. Na «comunicação», porque se trata de um fenómeno psicossociológico infinitamente complexo, o móbil e edificação do desenvolvimento e progresso, que se traduz em processos de interação simbólica para satisfazerem uma necessidade inata de todos nós, que é o relacionar-mo-nos e o interagirmos, efetuando-se o relacionamento através da emissão, receção e interpretação de imagens simbólicas mediante a utilização de códigos comuns e de ordem cultural, partilhados como resultado de um processo de aprendizagem e de socialização, (con)vivendo, não podendo ninguém viver em incomunicação – secundando também Watzlawick (1993) na inevitabilidade da comunicação –, sob pena de sucumbir intelectualmente ou de se tornar num inepto e vegetante ser. Isto porque «comunicar é partilhar uma mesma ou mais experiências de vida (ou apenas qualquer informação, mesmo de índole simbólica, de cortesia e por intermédio das mais diversas manifestações) por pessoas que se reconhecem (ou não) como detentoras de uma identidade comum (ou não), bem assim numa dimensão multi-

cultural ou intercultural/pluriétnica, multissensorial ou nas diferenças, independentemente de condicionantes comunicacionais impostas ou decorrentes das variadíssimas circunstâncias, metodologias e estratégias humanas ou de especificidades de natureza sensorial, sociocognitiva (e patologias neurogénicas da comunicação), intelectual, psíquica, neuromotora e outras» (Guerreiro, 2012a: 7).

Temos vindo a ocupar-nos de questões investigacionais, desde há mais de três dezenas de anos, subordinadas à «comunicação, educação, cultura, pedagogia (numa espécie de polinómio educacional), inclusão e qualidade de vida das pessoas com deficiência», equacionando e lançando desafios e propostas, com enfoque nas «teorias comunicacionais inclusivas, intervenção precoce nos processos de inclusão no âmbito do “trinómio” comunicação-escola-sociedade, perspetivando acessibilidade e usabilidade na multidimensionalidade comunicacional no desenvolvimento sensoriocognitivo e humano», em que intervêm especialistas de reconhecida competência e idoneidade na matéria em Portugal. Tudo isto em consonância e no seguimento de vários eventos científicos para a promoção do «comunicar e interagir num novo paradigma para o direito à participação social das pessoas com deficiência» (Guerreiro, 2011), iniciativas que nos incutem responsabilidades cada vez mais aprofundadas no capítulo da ampliação do paradigma comunicacional. A preocupação com as questões essencialmente relativas aos processos especiais de comunicação interpessoal, que nos permitem comunicar e interagir sem nenhum tipo de obstruções, mesmo que por vezes fantasmas, aparentemente dependentes de dificuldades ou desvantagens comunicacionais de cada pessoa, que nos podem isolar uns dos outros apenas por inabilidades ou incapacidades dessa natureza, podendo apresentar-se como falsas realidades, a que as circunstâncias do comodismo quase sempre nos habituaram só pela simples razão de nunca nada ou ninguém nos ter alertado e motivado para tentar experienciar essas dificuldades e imaginar formas possíveis de diminuí-las ou solucionar os problemas que as originam. Este desafio deve sensibilizar-nos, motivar-nos e mobilizar-nos a todos para nos transformarmos numa espécie de «paraísos» interventores e decisores integrantes de um imensurável e belo horizonte, um mundo novo de um tempo novo, onde todos, sem exceções, possamos ter lugar. E este é também um imenso e apaixonante desafio da ULHT e da sua Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação,

no âmbito do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, da Pós-Graduação/Curso de Formação Especializada em Educação Especial: Alunos Cegos e com Baixa Visão e da linha de investigação em Linguagens Especiais e Novas Tecnologias do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias (CICANT) desta Escola, agora também em parceria com o Instituto de Educação da ULHT e o seu Centro de Estudos e Intervenção em Educação e Formação (Ceief).

Tratando-se de comunicação e de capacidade/competência para comunicar e interagir, esse domínio implica, seja em que língua ou em que modalidade comunicacional for, que todos tenhamos de entender e ser capazes de explicitar teorias e estruturas metodológicas, estratégicas e científicas em relação ao desenvolvimento do processo linguístico e comunicacional ao longo da história. E foi mediante a comunicação verbal (oral e escrita) que se criaram todos os demais modelos comunicativos e correspondentes teorias, sendo a «oralidade» o processo interlocutivo que utilizamos nas relações interpessoais face a face e a distância, e sendo a «escrita», como representação gráfica/fonética dos signos linguísticos, para guardarmos a história dos homens e do mundo desde o fundo dos tempos, para nos perpetuarmos na memória e no estudo e interpretação dos tempos e da história humana. Nesta aceção, têm vindo a conceber-se, a estudar-se e a desenvolver-se outras formas de comunicação, como, por exemplo, a língua gestual, que se traduz na língua natural da comunidade surda, sendo um processo de comunicação e interação humana que utiliza os gestos como comunicabilidade e manifestação, envolvendo vários intervenientes com expressões não-verbais, numa dimensão linguisticamente estruturada.

Sobre a complexidade do conceito de comunicação e a respetiva evolução teórica ao longo dos tempos, basta revisitarmos o amplo e sempre a crescer «estado de arte» a propósito das cerca de mil e quinhentas teorias comunicacionais mais universalmente aceites, um número já considerável na diversidade das tradições, práticas e doutrinas em que têm vindo a elaborar-se definições e teorias. Verificamos que essa dimensão cognitiva tem abrangido domínios desde a «teologia» à «filosofia», da «antropologia» à «sociologia», da «linguística» à «psicologia», da «ciência política» ao «direito», até uma reflexão sobre as relações entre comunicação e sociedade, com preponderante relevância para a comunicação direta, técnica e social, comunicação

linguística, aumentativa e alternativa, produtos tecnológicos de apoio e meios humanos auxiliares e veículos de comunicação especial, em cujos domínios ocorrem reflexões com uma heterogeneidade de importante interesse científico e tecnológico, pedagógico e cultural e de sensibilização pública para o estabelecimento da comunicação multisensorial, pluriétnica e intercultural, em que ninguém se ache vazio de conhecimento e de saber, de intervenção na vida em igualdade de circunstâncias e de oportunidades, desde que tenha, é claro, as indispensáveis capacidades e competências pessoais e sociais para entender e interagir com profundidade em tudo o que somos e em tudo o que nos rodeia. São vertentes sociocomunicacionais e sociocognitivas que nos possibilitam conviver em partilha e gerar desenvolvimento e progresso, na medida em que:

- «Só comunicando», seja por que forma for, partilhamos saber e conhecimento e nos afirmamos com a justificação crítica dos nossos discursos e ações, estabelecendo intercompreensão em todas as áreas do saber, no geral e em particular.
- «Só comunicando», nos podemos sentir e assumir como responsáveis e lúcidos intervenientes na promoção equilibrada da vida humana.
- «Só comunicando», criamos e alimentamos alicerces para os estudos comunicacionais especiais, a didática comunicacional e o desenvolvimento sensoriocognitivo dos cidadãos com as mais diversas tipologias da deficiência ou incapacidades.
- «Só comunicando», impulsionamos interesse, empenho e desempenho científico pelos estudos e estratégias que visam sensibilizar e capacitar responsáveis decisores, as diferentes instituições, organizações e empresas para a adequada comunicação com todos os cidadãos, independentemente das suas dificuldades ou desvantagens sociocomunicacionais e de interação.
- «Só comunicando», incentivamos os estudos de gestão funcional e operacional para a inclusão dos diferentes graus de dificuldade comunicacional, criando possibilidades de investigação e aplicações bidirecionais para melhorar o desempenho global nos planos educacional e profissional das escolas regulares/de referência e especiais e das várias instituições, organizações e empresas, públicas e privadas, orientadas para o mercado, para

o serviço público ou para as questões da solidariedade social.

- «Só comunicando», somos audazes em ideias e no desenvolvimento da dinâmica investigacional decorrente dos contactos e parcerias com os organismos e instituições nacionais e as associações científicas reconhecidas mundialmente no âmbito das nossas preocupações com a implementação dos recursos investigacionais e aplicação dos modelos especiais de comunicação no contexto da educação especial, propósito de «singular inovação e criatividade em Portugal», sobretudo no que respeita ao estudo e enquadramento das especificidades comunicacionais na política nacional de educação, habilitação/reabilitação, emprego, inclusão e qualidade de vida das pessoas com deficiência.
- «Só comunicando», nos consciencializamos e pugnamos por resultados inovadores e criativos para o bem-estar social de todos os cidadãos e nos impomos como os supra enunciados «paraísos» dialogantes que somos na beleza interior de cada um, numa reciprocidade de valores e de dignidade humana que engrandece as pessoas e o mundo.
- «Só comunicando», ficamos cientes desse caminho, fecundo de indeléveis «paraísos», e de percorrê-lo, revolucionando e transformando pessoas e instituições, para alcançar um «paraíso» de «paraísos», «paraísos» que naturalmente somos e que mutuamente nos procuramos e nos podemos atrair sem a preponderância da química dos oportunismos ou da sobrevivência egoística que habitualmente se sobrepõe a tudo e a todos.
- «Só comunicando», nos conseguimos cultivar nessa modalidade paradisíaca (mas não utópica) de proficuidade que cada um de nós é, com invioláveis segredos e desafios de força e determinação para mudar e descobrir mais; com férteis paisagens de imaginação e realização de propostas para idear e liderar, mobilizar e sensibilizar mais; com vales e montes de mensagens, planícies e itinerários de reflexão e ponderação para incluir mais em equidade e qualidade de vida; com silêncios e gritos para estimular e investigar, estudar e fomentar mais; educar/educando-nos e formar/formando-nos mais; inventar e fazer mais para garantir mais a todos os direitos humanos e de cidadania, num permanente ensinar/aprender a ser mais e a conviver mais nas diferenciações culturais, nas diferenças das diferenças, numa perspectiva multiculturalista e interculturalista mais inclusiva;

conhecendo e pensando mais o todo global para um agir mais pedagógico-produtivo num qualquer lugar.

2. Na «cultura», porque, basicamente, temos de ser capazes de viver e conviver, de forma natural, intercompreensiva e cívica, no conjunto de todos os valores, normas e regras de conduta, dos símbolos, obras e rituais de cada comunidade humana, em todos os contextos sociocomunicacionais e culturais, como interculturais, multiétnicos, na cultura de massa (produzida pelos dispositivos de informação mediática), erudita, popular, etc., mesmo com dificuldades decorrentes das mais diversas problemáticas da deficiência (Guerreiro, 2012a: 67-78).

A cultura também passa pelo despertar/ativar consciências e comportamentos simultaneamente de pessoas escoreitadas e com deficiência, como ato civicamente feliz e de promoção da cidadania, numa vital prevenção inclusiva, perante as mais diversas hipóteses de risco/perigo, sísmico e/ou de situações adversas de segurança, anómalas ou catastróficas, mesmo no garantir segurança através da adequabilidade de serviços e equipamentos públicos e privados a quem tem problemas de orientação e mobilidade, de visão ou audição, de foro psicológico ou intelectual, de fala, escrita ou de leitura...

Há que sensibilizar a generalidade dos cidadãos para uma formação mais alargada e específica nestes domínios, de modo a prevenirem-se, com o indispensável rigor securitário, em eventuais ocorrências de risco ou perigo para todos os cidadãos, independentemente das suas dificuldades, ministrando-lhes, na medida do possível também, formação em prevenção e segurança pessoal para autodefesa e atuação em situações de alerta ou efetiva emergência de risco ou catástrofe.

3. Na «inclusão», porque temos de ter a naturalidade, capacidade e competência para viver e conviver em plena cidadania esta redundância conceptual transitória, que entendemos como doutrina/filosofia ou postulado que, como processo integrativo equacionadamente perspetivado e estruturado, visa criar e exercitar competências pessoais e sociais e de relacionamento humano para implementar formas escoreitadas de desenvolvimento sociocognitivo, de interação e intercompreensão. É um conceito nobre e generoso que todos devemos cultivar e incorporar nos nossos saberes e conhecimentos, sentimentos e ações, despertando consciências e ativando comportamentos socializantes e universa-

lizantes, sem reservas em relação às desvantagens ou condicionantes sensoriocognitivas, neuromotoras e outras. É relacionarmo-nos num olhar natural, abrangente e com empenho pedagógico, sociocomunicacional, educacional e cultural, generalizando a partilha da compreensão e da cultura sobre essas diferenças, as quais também implicam em si o dinamismo das capacidades e competências humanas (Guerreiro, 2012a: 110-111).

Pela principal relevância que cabe aos media na regulação social e na responsabilidade da manutenção da coesão interna da sociedade, os diferentes meios de comunicação deveriam assumir uma função crucial no rigor e clareza, objetividade e coerência, pedagogia e cultura no processo e na forma de produzir e divulgar a informação que pesquisam, investigam e publicam, para esclarecer, educar e formar todos os cidadãos sobre o mundo à nossa volta, o mundo que todos ajudamos a construir e que somos, na imensa diversidade de meios de comunicação social e de tanta informação séria que há para noticiar.

Também sabemos que nem sempre os jornalistas dispõem do tempo e dos recursos e sensibilidade necessários para relatar, com fiel rigor, objetividade e clareza, questões de e sobre as pessoas com deficiência, retratando-lhes as vidas, capacidades e competências (sendo ao mesmo tempo acessíveis e interativos com todas as tipologias da deficiência), de maneira a que as histórias de vida destes cidadãos sejam ouvidas e escritas/publicadas, transmitindo-se ao público em geral uma imagem dos mesmos correta e positiva.

Nas suas funções prioritárias – designadamente vigilância do meio ambiente, difusão de informação, entretenimento, transmissão de valores culturais, oferta de espaços de debate e de formação de opiniões, abertura de fluxos comerciais –, é tempo, no tempo pedagógico novo a que nos reportamos, para os *media* não continuarem a menosprezar ou a ignorar as pessoas com deficiência e as suas inquestionáveis capacidades e competências na vida em sociedade e em rede, no comunicar e interagir num novo paradigma para o direito à participação social, no emprego e qualidade de vida.

Para que a «inclusão» possa acontecer e chegar a todos os domínios do conhecimento e de ação, com a naturalidade ecoevolutiva desejável, há que sensibilizar e envolver também os *media* nesse «processo», essencialmente no que se refere ao saber comunicar com os jornalistas de imprensa, rádio e televisão (Deschepper, 1992), ao saber estabe-

lecer relacionamento e interação com os *media* (Lindstone, 1994), no meio ambiente e na sociedade da informação/em rede (Cardoso, 2006; Castells, 2005) e à comunicação, educação e cultura inclusivas nos *media* (Guerreiro, 2012b), de forma a que a informação/mediatização seja sempre «correta» e «positiva» sobre a vida ativa e em sociedade, capacidades e competências das pessoas com deficiência.

É no âmbito desta reflexão e feliz dimensão humana que nos procuramos valorizar e fortalecer, sustentando-nos nas mais indispensáveis essencialidades que nos permitem existir e viver, numa coevolução batesoniana, precisamente eticizando a vida. Todavia, falar de «inclusão» numa qualquer situação ou contexto (numa escola, em atividades diversas, na sociedade...), indicando o vocábulo «inclusão» que deve ser de todos e para todos, mas sendo sobretudo uma formalização conceptual ou expressão que deverá encerrar o necessário sentimento substantivo que envolve todos no todo que pertence a todos, partilhado por todos. Trata-se de uma substância conceptual, teórico/empírica, inequivocamente experienciável com sucesso e que nos encaminha para o universal, que só pode ser concebido e entendido como «inclusivo» (onde todos, sem exceção, tenhamos condigno lugar), num redimensionado *Lebenswelt* («mundo da vida» husserliano), expressão fenomenológica também hoje associada a todo o tipo de reflexão, estética e ética sobre a comunicação e influência dos *media*. É preciso que encontremos uma harmonia vivencial e convivencial em que, numa perspectiva de universalidade, todos caibam em todo o lugar. Mas é fundamental termos dentro de nós esse olhar e esse sentir universal, com sensibilidade e competência pessoal e social, razão e também coração.

Para que este domínio possa evoluir até à sua concretização, com proficiência e solidez, de forma a que todos os caminhos se tornem acessíveis, cabe a todos nós, especialmente pais e professores, sermos sempre o exemplo vivo, de saber e missão, do muito que podemos fazer para ajudar todos os alunos a vencerem com tenacidade, persistência, boa vontade e cidadania, mercê dessa elevada responsabilidade que todos temos de vestir e atuar em permanência com ela na consecução de resultados. Às vezes há questões da ciência que são intuitivas pelo pensamento e pelo coração, parafraseando de certa maneira Saint-Exupéry. Não podemos, numa aceção algo hegeliana, cumprir nada de grande no mundo sem paixão, sem olharmos para as coisas, concebemos e implementarmos soluções sem a força anímica da vontade

e do querer, sem uma destemida volição. E em sintonia com Eduardo Lourenço, a propósito da universalidade que procuramos promover e generalizar, o universal não é apenas um espaço global e cosmopolita, mas a universalidade do olhar de quem pensa esse espaço, no qual se enquadram dificuldades da mais diversa natureza, designadamente as de ultrapassar os terríveis «muros invisíveis» de que tantas vezes os «reais» são feitos.

Estamos a procurar, com o recurso a esta espécie de construções significantes materializáveis em ações, reforçadas pela reflexão e atividade teórico/empírica nossa, no sentido de contribuirmos para irmos eliminando aos poucos, e de forma natural, o peso e o efeito negativo, por vezes nefasto, da necessidade de se utilizar o transitório e redundante conceito de «inclusão» em todos os domínios, no relacionamento e interação, na comunicação e educação e formação, no desenvolvimento humano. Obedecendo a esta estratégia, um dia, quando deixarmos de sentir a necessidade de reforçar os diferentes domínios do conhecimento com o adjetivo ou especificação «inclusivo», que é um pleonasma e que acaba por carregar consigo uma dimensão supostamente valorativa mas que é marginalizante, porque acorda fantasmas que não há meio de conseguirmos exorcismar, o termo «inclusão» perderá, nesta conceção, o significado objetivamente pedagógico tão bem refletido e equacionado na célebre «Conferência de Salamanca», organizada pela UNESCO em 1994.

Um pouco empiricamente, todos sabemos que inclusão, comunicação ou educação «inclusiva», sobretudo educação «inclusiva», o «inclusivo» é para a concretização em sala de aula do ideal de uma escola de todos e para todos, generalizando-se a todas as áreas do conhecimento, funcionais e operacionais. No entanto, educação «inclusiva» é em si própria um conceito transitório e de certa maneira redundante, uma vez que o conceito educação, em termos éticos e democráticos terá que pressupor sempre o ideal de «inclusão». Quando, no plano da educação especial (que haverá sempre, infelizmente), soubermos agir e interagir naturalmente e sem a presença de determinados estereótipos que rotulam, que marginalizam, o adjetivo ou especificação «inclusivo» vai-se esbatendo e desaparecendo como efeito de redundância ou de reforço de um termo para o interpretar como «inclusivo», para todos e com todos. Sendo uma escola de todos e para todos, todos lá têm lugar, não há lugar para a excrescente *nuance* «inclusão».

Não há dúvida de que, progressivamente, temos vindo a tornar-nos cada vez mais especialistas em competências pessoais e sociais e humanas, na transmissão e partilha, no que se refere ao conhecer e saber, no que respeita ao saber atuar e saber fazer acontecer proficuidade, numa perspetiva de igualdade de oportunidades para todos. E estamos cientes de que, na intercompreensão do conceito de educação especial, teremos que ser capazes de conhecer bem e de atuar bem na dimensão e concretização do conjunto de recursos e de serviços especificamente vocacionados para proporcionar procedimentos de apoio ao processo de aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais. Está implícita neste processo a didática, que é o «saber» e a «responsabilidade» de converter os conteúdos programáticos (transformando-os) em situações de aprendizagem, «em efetiva aprendizagem». E é preciso olhar para esses conteúdos em termos de acessibilidade e usabilidade, sobretudo quando se trata de os transmitir a alunos com necessidades educativas especiais e de os partilhar com esses mesmos alunos. Mas, à medida que vamos chegando às diferentes e (com convicção) melhores soluções para a variedade de problemáticas da deficiência, vamo-nos confrontando (também numa aceção popperiana) com a emergência de «toda uma família de problemas-filhos», que são «encantadores ainda que talvez difíceis» (Popper, 1992: 7) – a dinâmica da inteligência e da generosidade na investigação e desenvolvimento –, «para cujo bem-estar» poderemos trabalhar, «com um sentido», até ao fim dos nossos dias. A riqueza e beleza de tudo isto está no facto de sermos um *megapuzzle* sem medida e em permanente evolução. «A vida é um difícil, complexo e incomensurável “megapuzzle” que leva tempo e tolerância a montar, que impõe ajustes, invenção e/ou redimensionamento de peças, e que nunca se considera concluído. Se edificarmos e integrarmos uma sociedade inclusiva, que reconheça, respeite e valorize a diversidade humana, sorriremos à vida e a vida sorrir-nos-á!» (Guerreiro, 2012a: 110).

Concluindo, pretendemos partilhar esta investigação (Guerreiro, 2011, 2012a) com os estudiosos e investigadores no âmbito dos aludidos «novos caminhos de um tempo pedagógico novo» e envolvê-los no vital e inclusivo universo comunicacional e cultural, educacional e formativo – num processo de desenvolvimento biopsicossocial, biosso-

ciocognitivo e humano, sobretudo com particular enfoque nas pessoas com deficiência visual, principalmente centrado:

- Na sociocomunicabilidade, competências, dinâmica e influência comunicacionais.
- Na linguagem – «comunicação verbal» (oralidade e escrita), «gestual», «não-verbal» e «língua gestual» nas emoções, na conversação e influência na diversidade de capacidades e competências comunicativas.
- Na comunicação e cultura – base interacional para a socialização, edificação e promoção dos grandes valores humanos na solidariedade e na partilha.
- Na cultura da suplência sensoriocognitiva e intelectual, relacionamento e interação.
- No impacto da cultura da imagem humana na sociocomunicabilidade – para uma teoria sociocomunicacional do corpo humano (direitos e deveres do corpo e da película que somos, em que nos exteriorizamos e nos permitimos ser visualizados), num sentimento de missão na tolerância, na solidariedade e na cultura da partilha.
- No desenvolvimento tífico-perceptivo-psicomotor, literácito (nas várias modalidades discursivas e de suporte) e cognitivo, da orientação e mobilidade, autonomia e independência, sociocomunicabilidade, empregabilidade e qualidade de vida dos cidadãos com as diferentes idiosincrasias, desvantagens ou dificuldades comunicacionais, de socialização e interação.
- Numa fundamentação científica que assenta numa substancial «bibliografia» e «webografia», base da sistematização e enquadramento teórico-empírico da obra de referência em que temos vindo a viajar e a refletir na elaboração desta breve abordagem sobre a mesma, como forma de sugerir a sua leitura a um número tão alargado quanto possível de interessados no estudo, no aprofundamento e na partilha (que abertamente propomos) da matéria nela exposta, algo complexa mas evidente e que, muito justamente, exige urgente e séria reflexão, para ajudar a despertar consciências e a ativar comportamentos socializantes e universalizantes em favor da adequabilidade, acessibilidade e usabilidade do universo do conhecimento para todos os cidadãos, no maravilhoso mundo da vida que a todos pertence.

Neste sentido, por indiscutível opção e persistência, à medida que aceitarmos o desafio explanado neste texto e nos dispusermos a participar numa saudável coevolução humana, valorizando-nos nesse sublime desafio de sinérgico empenho e desempenho sem egoísmos, numa relação de dignas influências mútuas e numa interação de envolventes recíprocas e cumulativas, havemos de ir chegando aos «bons portos» possíveis, dentro da inevitabilidade de continuarmos a investir na descoberta e validação, implementação e promoção de caminhos em busca de um mundo melhor e acessível a todos, em consonância com as capacidades e competências que vamos adquirindo na força da dinâmica evolutiva do *megapuzzle* que somos, apesar de nunca estar concluído. Mas a soma de sucessos será cada vez mais farta e fecunda, já que o estudo e a cultura é que nos ajudam a encontrar esse mundo e nos gratificam no processo a ele conducente. Vamos continuando, numa firme convicção nossa e aceção confucionista, a «polir a pedra» (estudando, aprofundando e fundamentando a nossa pretensão e investigação) e a «purificar o espírito» de ação e concretização (que sempre temos de ser) pela cultura da solidariedade e da partilha, pela cultura espiritual e intelectual, moral e cívica, pedagógica e educativa/formativa, dando as mãos (às ordens da disponibilidade e responsividade adequadas), num legítimo propósito coevolutivo nos processos de inclusão no mundo de todos e para todos, em conformidade com o que explicitamos na obra em que temos vindo a «passear» (Guerreiro, 2012a).

Assim, as grandiosas e afinadas «orquestras» poderão começar a surgir, sob as «batutas» educomunicacionais e formativas dos sensíveis, harmónicos e habilitados, sensatos e virtuosos, inovadores e proficientes/profissionais «maestros», dando/operando concertos despertadores de consciências e ativadores de comportamentos, concertos consertantes de desarmonias ou desarranjos percecionais/conceptuais/intelectuais na intercompreensão das realidades, sem os fantasmas do preconceito e das erróneas concepções instauradas e alojadas em determinadas utensilagens mentais. O século XXI é o século da comunicação e das especificidades comunicacionais, havendo lugar para o aprofundamento da «voz» das mãos e do corpo para os olhos que veem e «ouvem», dos «olhos» das mãos, hapticidade e audibilidade, que sensorializam à semelhança do órgão mais absorvente do ser humano (o da visão), da comunicabilidade através de sistemas pictográficos de

66 comunicação, da comunicação aumentativa e alternativa nas mais diversas tipologias da deficiência, da promoção e orientação da adequabilidade de serviços e equipamentos públicos e privados a quem tem desvantagens ou dificuldades de mobilidade e orientação, a quem não pode entender, ouvir, falar, escrever ou ler. Só com comunicação e educação, pedagogia e cultura inclusivas é possível fomentar e promover o desenvolvimento humano e o progresso, bem-estar e qualidade de vida para todos os cidadãos. Temos que interiorizar e exercer a convicção de que (outra virtude) os «problemas» (como nos habituámos a chamar-lhes) são sempre «desafios». E, a «desafios», só podemos corresponder com «desafios», se quisermos encontrar soluções.

Referências Bibliográficas

- Bertalanffy, L. (1972). *Théorie Générale des Systèmes*. Paris: Dunod.
- Bronfenbrenner, U. (1987). *La Ecología del Desarrollo Humano*. Barcelona: Paidós.
- Cardoso, G. (2006). *Os Media na Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2005). *A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura. I: A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Deschepper, J. (1992). *Saber Comunicar com os Jornalistas de Imprensa, Rádio e Televisão*. Lisboa: Edições CETOP.
- Guerreiro, A.D. (org.) (2011). *Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Guerreiro, A.D. (2012a). *Comunicação e Cultura Inclusivas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Guerreiro, A.D. (2012b). "Comunicação, educação e cultura inclusivas nos media". *Atas do X Congresso Lusocom*. Lisboa: ISCSP/UTLisboa, 27 a 29 de setembro.
- Lindstone, J. (1994). *Como Lidar com os Media*. Lisboa: Edições CETOP.
- Popper, K. (1992). *Em Busca de um Mundo Melhor*. Lisboa: Fragmentos.
- Watzlawick, P.; Beavin, J.H.; Jackson, D.D. (1993). *A Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Editora Cultrix.